



## **Da janela lateral: Considerações sobre infância e territórios de brincar em tempos pandêmicos em um condomínio no subúrbio do Rio de Janeiro**

From the side window: Considerations about the childhood and playing territories in pandemic times in a condominium in the suburbs of Rio de Janeiro

Desde la ventana lateral: Consideraciones sobre la infancia y los territorios de juego en tiempos de pandemia en un condominio en la periferia de Río de Janeiro

**Tânia de Vasconcellos<sup>1</sup>**

*Universidade Federal Fluminense - Professora Aposentada - Rio de Janeiro/RJ, Brasil*

Recebido em: 23/03/2022

Aceito em: 18/04/2022

### **Resumo**

Os playgrounds de condomínios residenciais costumam ser espaços pensados para uso prioritário do coletivo de crianças. Ainda que apresentem uma intencionalidade na disposição de seus equipamentos, são as crianças que na ocupação e uso destes espaços os reconfiguram segundo seus desejos, edificando seus territórios de brincar. A pandemia provocada pelo Covid19 tornou todos esses espaços inacessíveis. Durante quase dois anos as crianças e adultos estiveram confinados em seus apartamentos. Recentemente o distanciamento social tem sido abrandado e tais espaços voltam a ser ocupados. A inserção do pesquisador nesse universo permitiu a observação do fenômeno e a partir da tradição de pesquisa do Núcleo de Estudos de Infância e Cultura o presente trabalho se propõe tecer considerações sobre esse processo.

**Palavras-chave:** Infância. Territórios de Brincar. Tempos pandêmicos.

### **Abstract**

The playgrounds of residential condominiums are usually spaces designed for the priority use of the children's collective. Although they present an intentionality in the arrangement of their equipment, it is the children who, in the occupation and use of these spaces, reconfigure them according to their desires, building their playing territories. The pandemic caused by Covid19 has made all these spaces inaccessible. For almost two years children and adults were confined to their apartments. Recently, social distancing has been relaxed and such spaces are being occupied again. The insertion of the researcher in this universe allowed the observation of the phenomenon and from the research tradition of the Núcleo de Estudos de Infância e Cultura, the present work proposes to make considerations about this process.

**Keywords:** Infancy. Playing territories, Pandemic times.

### **Resumen**

Los parques infantiles de los condominios residenciales suelen ser espacios destinados al uso prioritario del

---

<sup>1</sup> taniadevasconcellos@gmail.com

coletivo infantil. Si bien presentan uma intencionalidad en la disposición de sus equipos, son los niños quienes, em la ocupación y uso de estos espacios, los reconfiguran según sus deseos, construyendo sus territorios de juego. La pandemia provocada por el Covid19 ha hecho inaccesibles todos estos espacios. Durante casi dos años niños y adultos estuvieron confinados en sus departamentos. Recientemente, el distanciamiento social se ha relajado y dichos espacios están siendo ocupados nuevamente. La inserción de la investigadora em esse universo permitió la observación del fenómeno y desde la tradición investigativa del Núcleo de Estudos de Infância e Cultura, el presente trabajo se propone hacer consideraciones sobre esse processo.

**Palabras clave:** Infancia. Territorios de juego. Tiempos de pandemia.

## **Introdução**

Ao longo de muitos anos o Núcleo de Estudos de Infância e Cultura se dedicou a investigar as relações entre as formas de jogo, brinquedo e brincadeira e suas relações com o espaço, o lugar e as diferentes configurações territoriais construídas pelas crianças em suas ações brincantes. A despeito desse grupo de pesquisa ter temporariamente interrompido suas atividades, o olhar arguto do pesquisador não se desarma em função disso, ao contrário: instrumento afiado por tanto tempo para servir de ferramenta fundamental aos estudos de inspiração etnográfica, o corpo do pesquisador, seus sentidos, sua sensação do mundo se mantem vívidos e pulsantes. A observação e participação não são o tipo de condutas que se pode plugar e desplugar. Desse modo, quando se abateu sobre todos nós a pandemia da Covid19 e ficamos socialmente isolados em nossos espaços coletivos (como é o caso dos condomínios residenciais) minhas questões se voltaram, quase que naturalmente, àqueles que sempre foram meus interlocutores: as crianças.

Morando em apartamentos pequenos, compensados pela extensa área de lazer dos playgrounds agora interditados como se reorganizariam os coletivos infantis que vivem aqui? Como se daria a interlocução com o espaço da rua e que nova feição esta teria? Como seria a percepção dos espaços sempre vívidos e barulhentos ocupados pelas crianças quando estivessem silenciados? Que estratégias as crianças desenvolveriam? E mais, como seria retornar para um modo de viver e brincar que havia sido violentamente subtraído?

Estas são as questões que esse ensaio propõe confrontar. Quase que como um exercício de não se perder na loucura dos tempos pandêmicos. De manter a atenção, o foco, e, mesmo sabendo que estamos longe de poder dimensionar a extensão de como e quão profundamente essa pandemia nos afetará a todos, assumir o compromisso de manter a lucidez e afiar nossas ferramentas de compreensão do mundo.

## **Onde você estava quando a terra tremeu?**

Algumas das causas das perturbações neste equilíbrio são conhecidas, outras ainda precisam ser descobertas através de pesquisa exaustiva.[...]Mas, vocês vão dizer: se é assim, a Terra está tremendo o tempo todo. Vocês têm razão, é assim mesmo (BENJAMIN, 2015, p.239.)

A pandemia surpreendeu-se aqui. Em meio ao burburinho de um condomínio residencial em um subúrbio do Rio com extensa área de lazer, diferentes espaços e equipamentos pensados para crianças de múltiplas idades. E elas eram muitas. Muitas crianças. O ruído da sala de jogos, da brinquedoteca, da quadra poliesportiva, do parque aquático ou, simplesmente dos corredores de conexão entre esses espaços onde era possível correr, pular gritar, viver ecoava por todo condomínio como se fora a própria alma do espaço se revelando. O condomínio fica numa rua sem saída onde as inúmeras lombadas avisam aos motoristas que há crianças - também na rua – soltando pipas, brincando, conversando em rodinhas, grupinhos. As casas que ainda resistem, e são muitas, têm sempre flores junto ao portão e os canteiros da rua – alguns largados, são só mato e erva daninha, outros, adotados pelos moradores da casa em frente são primorosos em flores e frutos. Tornando privado o espaço público, ostentam cartazes escritos a mão sobre a proibição de colher mudas e frutos ou sobre a obrigação dos donos de cães de recolherem os dejetos dos mesmos. A gataria é um capítulo à parte. São inúmeros os gatos de rua como são igualmente inúmeros os potes de água e ração espalhados na calçada. Grupos de idosos se sentam em cadeiras de praia em frente as suas casas. Algumas garagens são convertidas em pequenos negócios de lanche ou bar, um desses, bem em frente ao condomínio, reúne os homens que em dias de jogo de futebol trocam o conforto de suas casas e smart tvs pela reunião na calçada, a imagem não tão boa compensada no prazer da companhia de outros – alguns aos quais só resta a opção de ver o jogo na tv alheia, e da cerveja, da comemoração com os de mesma bandeira ou da implicância com os amigos do time adversário que perdeu. A horizontalidade da rua, uma rua no tempo lento do subúrbio, a verticalidade do condomínio com seus símbolos de segurança e distinção, seus espaços planejados de convivência. E o fluxo, inevitável, entre ambos. Aqui onde o encontro de uma classe média suburbana, agarrada aos seus signos se esbarra e se confronta com os mais empobrecidos.

As classes medias amolecidas deixam absorver-se pela cultura de massa e dela retiram argumento para racionalizar sua existência empobrecida. Os carentes, sobretudo os mais pobres, estão isentos dessa absorção. [...] é por isso que as cidades, crescentemente inigualitárias, tendem a abrigar ao mesmo tempo, uma cultura de massa e uma cultura popular que colaboram e se atiram, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem num jogo dialético sem fim. (SANTOS, 2014 p. 327)

Não há nesta rua e nos quarteirões do entorno a presença de moradores de rua. Estes se concentram alguns bons quarteirões adiante, onde se encontra o comércio, os bancos, restaurantes, lanchonetes, farmácias. Onde a circulação de pessoas e dinheiro é maior e também a segurança e as oportunidades de sobreviver mais um dia são um pouco mais factíveis. Para os invisibilizados os espaços mais luminosos trazem a esperança de que possam ser vistos.

Enquanto isso eu lia nos jornais:

O segundo caso no Brasil, em São Paulo, foi confirmado. O paciente esteve na Itália, sem evidências de circulação do vírus no Brasil. Cientistas do Brasil e de Oxford conseguiram sequenciar, na sexta-feira (28), o genoma do novo coronavírus detectado em São Paulo. Enquanto outros países levam em média 15 dias, o caso brasileiro foi sequenciado em 2. O país tem 182 casos suspeitos de Covid-19, segundo último levantamento do Ministério da Saúde. Outras 71 suspeitas foram descartadas desde o início do monitoramento. O Ministério da Saúde publicou na edição de sexta-feira do Diário Oficial avisos de chamamento público para compra de 20 milhões de máscaras cirúrgicas, 4 milhões de máscaras tipo respirador e 12 milhões de aventais para atender profissionais de saúde em todo o país envolvidos no trabalho contra o coronavírus. A compra segue ritos administrativos mais acelerados e a expectativa é de que o material chegue aos profissionais dentro de duas semanas. (G1.GLOBO.COM, 29/02/2020)

### **Outros tempos, outros condomínios**

Foi só no início dos anos 90, quando ainda era jovem entre nós o fenômeno dos grandes condomínios residenciais e shoppings centers que emergiram para mim como questões certas particularidades sobre as relações entre a infância, a cidade e o planejamento urbano. Certa parcela da população infantil e seus folguedos migravam das ruas e praças públicas para os playgrounds de condomínios residenciais. Retornando ao Rio na situação de coordenadora pedagógica de um grupo de professores que atuava em condomínios residenciais a partir de uma empresa administradora condominial – que era um dos braços de uma grande construtora da época – me vi parte de um grupo formado por engenheiros, arquitetos, psicólogos e eu – a quem caberia traduzir o olhar da Educação sobre a construção e a dinâmica de funcionamento dos playgrounds em condomínios residenciais. Não era uma ação inaugural: na verdade eu me inseria em um trabalho idealizado pela engenheira Clara Steinberg concebido em profundo diálogo com nomes da recreação e das artes como, por exemplo, Ethel Bauzer de Medeiros, Maria Thereza Vieira, Faiga Ostrower entre outros. Em 1983 Riva Bauzer tendo como campo de pesquisa o universo dos playgrounds atendidos no projeto publicaria o livro “Crescer numa cidade grande”, replicando estudos realizados nos Estados Unidos sobre o tema.

Na época a temática dos Condomínios Residenciais e dos Centros Comerciais (Shopping Centres)

percebidos como aspectos novos da cidade e ainda carentes de pesquisa - em particular sobre a organização do tempo livre, da recreação e do lazer - era recorrente nos congressos promovidos por associações como, por exemplo, a ALATIR (Associação Latino Americana de Tempo Livre e Recreação). A presença da Educação nesses encontros se dava maciçamente por meio dos profissionais da Educação Física. Por outro lado, temas referentes a recreação, tempo livre, ócio eram absolutamente periféricos nos congressos de Educação. Ainda hoje é assim.

Havia nesses programas de recreação em condomínios um pressuposto fundamental ainda que não confessado, a ideia de que era preciso instrumentalizar o tempo livre. Tornar o lazer “produtivo”. Era necessário “ensinar” aos moradores de condomínios a desfrutar do playground – adultos, crianças, adolescentes, idosos. Grandes instituições trouxeram a si esta tarefa, como por exemplo a Associação Cristã de Moços (ACM) no Rio de Janeiro. Tais iniciativas, ainda que com propósitos declaradamente educacionais, não escondiam, contudo, sua face claramente comercial: Os condomínios surgiam como um novo mercado. O passar dos anos redimensionaram as relações de oferta e procura. São poucos hoje os condomínios que mantem programas regulares de recreação em suas áreas de lazer.

O condomínio que deu origem as observações deste artigo não possui nenhum desses programas. A organização das atividades se dá de forma espontânea pelos moradores contando com serviços de limpeza e administrativos apenas. Há um guarda-vidas na piscina, como de praxe.

Nos jornais as notícias avançavam. 500.000 mortos no mundo. 57.000 no Brasil.

Em uma semana, Brasil registra mais casos que o total da Espanha. O Brasil teve 555 mortes registradas em razão do novo coronavírus em 24 horas, mostra levantamento feito pelo consórcio de veículos de imprensa junto às secretarias estaduais de Saúde. Com isso, são 57.658 óbitos pela Covid-19 até este domingo (28) no país. Veja os dados, consolidados às 20h: - 57.658 mortes; eram 57.103 até as 20h deste sábado (27), uma diferença de 555 óbitos - 1.345.254 casos confirmados; eram 1.315.941 até a noite do sábado, ou seja, houve 29.313 novos casos - O Nordeste responde por 44% do total de mortes registradas nas últimas 24 horas, ultrapassando o Sudeste (32%). Antes do balanço final do dia, o consórcio divulgou outros dois boletins. No primeiro boletim, às 8h, o Brasil contava 57.149 mortos e 1.319.274 casos confirmados. No segundo boletim, às 13h, o país tinha 57.174 mortos e 1.323.069 casos da doença. De acordo com um monitoramento da universidade norte-americana Johns Hopkins, o mundo atingiu o número de 10 milhões de infectados neste domingo e passou a marca de 500 mil mortos. (G1.GLOBO.COM, 28/06/2020)

## **Tempos de burburinho**

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta e faz chover. ” (KRENAK, 2019, p. 13)

Quando Ailton Krenak nos fala da intolerância para com aqueles ainda capazes de experimentar o prazer de estar vivo e manter a capacidade de cantar, dançar e produzir fenômenos todos nós voltamos a nossa atenção ao chamado de Krenak sobre a importância de manter uma escuta e garantir o lugar de fala aos povos originários. O alerta de Krenak é perfeito. É urgente. Mas gostaria de ampliar aqui, talvez como uma forma poética de subversão, a ideia de povos originários. Todo homem e mulher crescidos tiveram na sua origem uma criança – que experimentava livremente o prazer de estar viva, que cantava, dançava, fazia chover e outras maravilhas – até ser silenciada. Em meus estudos nomeei essa capacidade de fruição dos diferentes aspectos do mundo externo em conexão com mundo interno de “ociosidade amorosa”. É uma qualidade de relação com o mundo absolutamente desprovida de sentido produtivo. Mais uma vez em conformidade com Krenak a constatação de que a “a vida não é útil”. Ela é mais. Essa gente que canta, dança e cria universos é uma gente imprevisível... Daí a necessidade de muito cedo submetê-las, subordiná-las. Hoje em dia é comum encontrar na descrição de apartamentos por alugar, de reservas em hotéis e mesmo restaurantes a afirmação: “não se aceitam crianças”. Normalmente também não se aceitam cachorros nesses lugares... Mas o playground, ao contrário, é seu lugar de se exercer em plenitude.

O que é especial a respeito do lugar é, precisamente, esse acabar juntos, o inevitável desafio de negociar um aqui-e-agora (ele mesmo extraído de uma história e uma geografia de “então” e “lá”), e a negociação que deve acontecer dentro e entre ambos, o humano e o não-humano. (MASSEY, 2008, p. 203)

As crianças se organizam no play em função de seus grupos etários, seus interesses, e das configurações existentes no espaço que vão sendo atualizadas em função da brincadeira. Os muito pequenos vão acompanhados e lançam não da distração dos adultos para aventurar-se em corridas. Há interação entre os bebês, mas normalmente aos pares. A brinquedoteca é lugar preferido pelos de idade pré-escolar. Os pais acompanham. Mas são os um pouco maiores – aproximadamente entre 06 e 12 anos os “donos do pedaço”. As brincadeiras de pique, de esconder e todas que implicam em correr pelo espaço, em demarcar territórios onde certas condutas podem acontecer como parte do jogo (por exemplo não poder ser pego, no pique).

As negociações da função do espaço e também do seu domínio são acaloradas. Diferentes desenhos de uso convivem e se sobrepõe com tranquilidade até que um grupo se sinta lesado. Daí a disputa apela para a argumentação, para a força (os mais velhos se impõe – principalmente os adolescentes no uso da quadra) e, recurso último e meio desmoralizante, chamam um adulto.

As crianças no play são a alma do condomínio. E eu as acompanho da janela. São as suas vozes e

risadas que ecoam e podem ser ouvidas em qualquer dos andares. Suas discussões as vezes apartadas por um pai ou mãe que grita da varanda: - Sobe agora!!! São eles que se juntam na sala de vídeo pelo prazer de verem juntos os filmes que todos, provavelmente, já viram no cinema ou nas suas tvs a cabo. São os mais velhos entre eles que, quando escurece se sentam nas escadas do play para conversar. Púberes... quase adolescentes. Estes que se designam como crianças ou como adolescentes segundo a ocasião e o interesse. Que pedem dinheiro e permissão, garantem que são grandes e vão a rua em bando, comer um hamburguer no pequeno comércio, quase doméstico, a 200 metros do condomínio. Este, onde o proprietário conhece a cada uma delas pelo nome e para onde seus pais ligam encomendando para receber das mãos do entregador o mesmo hamburguer com fritas. Liberdades suburbanas.

Já a rua é mais plural e parece guardar mais segredos e história do que pode se ver numa mirrada rápida.

Toda rua tem seu curso  
Tem seu leito de água clara  
Por onde passa a memória  
Lembrando histórias de um tempo  
Que não acaba

De uma rua de uma rua  
Eu lembro agora  
Que o tempo ninguém mais  
Ninguém mais canta  
Muito embora de cirandas  
(oi de cirandas)  
E de meninos correndo  
Atrás de bandas  
(MORICONI, 2017, p. 70)

Talvez o aspecto que mais me chamou a atenção nos folguedos da rua foi o tempo do vento. É impressionante o quão democrática é a dinâmica entre adultos, idosos e crianças em torno das pipas. Num primeiro momento observei se por acaso tratava-se de algum tipo de sinalização, pois é de conhecimento geral no Rio o uso que narcotraficantes fazem deste brinquedo popular para mandar diferentes comunicados sobre a chegada de drogas, da polícia ou outros temas. Mas a verdade é que não há movimento de tráfico nessa rua nem nada que pudesse sustentar essa hipótese. Prestei mais atenção. O bairro onde se encontra a rua em questão é um grande vale e vento quando sopra por aqui faz um espetáculo à parte.

As crianças que participam da brincadeira são maiores, em torno de 10 anos e mais. Fora isso, todas as idades são bem-vindas. O mais entusiasta e que vejo instruindo os mais jovens sobre manobras,

sobre como fazer as pipas, sobre como capturar uma que está no ar é um senhorzinho que aparenta ter uns 70 anos. Outros homens adultos mais jovens que trabalham em pequenos serviços na rua (carregando compras, fazendo biscates) também deixam tudo pela emoção de colocar no ar suas pipas. O céu fica bonito.

Na frente das casas é comum ver crianças pequenas em seus velocípedes ou carrinhos acompanhadas de suas avós sentadas em cadeiras de praia. Mas via de regra as vemos em trânsito com os adultos. Caminhando pela rua, algumas pessoas em roupa própria ao exercício físico vão rumo à caminhada ou academia. Os demais são tutores passeando com seus cães, trocando cumprimentos entre si onde se percebe um certo reconhecimento de pertencerem a um mesmo grupo.

Pouco antes da esquina é frequente a presença de um grupo de adultos jovens; na esquina uma banca de jornal deixa claro o desprestígio a que o mundo digital relegou o jornal impresso. Ela empresta a sua lateral para que sejam colados em papéis coloridos em rosa, azul, verde e amarelo o resultado do jogo do bicho. Ao lado em um caixote que serve de banco e outro que serve de mesa um senhorzinho, bigode fino sobre os lábios, chapéu na cabeça, anota o jogo de quem se aventurar na sorte. Nunca vi ninguém apostando.

Eu também não compro mais jornal impresso. A vacinação começou em janeiro. Não sou velha o bastante para estar no primeiro lote. Aguardo.

Brasil tem 30.484 mortes por Covid-19 em fevereiro, 2º maior número em toda a pandemia. Três estados tiveram recordes de mortes; colapso no sistema de saúde, antes restrito ao Amazonas, agora atinge várias partes do país. O Brasil registrou, em fevereiro, **30.484 mortes pela Covid-19**, segundo dados apurados pelo consórcio de veículos de imprensa junto às secretarias de Saúde do país. Mesmo com dias a menos e últimos dias durante um fim de semana – o que afeta os registros das mortes – fevereiro teve o segundo número mais alto de mortes desde o início da pandemia, e o maior desde **julho**. Fevereiro também foi o terceiro mês consecutivo em que as mortes de um mês superam as do mês anterior (G1.GLOBO.COM, 01/03/2021)

## **Tempos de Silêncio**

O resto da vida  
Passou a ser  
O tempo presente  
(CORRÊA, 2021)

Quando foi anunciada a pandemia pela grande imprensa, não se viu uma mudança imediata na conduta de moradores, adultos ou crianças. Tudo parecia acontecer em um universo distópico mostrado



na TV e longe, muito longe de todos. Foram os comunicados do condomínio enviados por aplicativos de mensagens e também impressos, fixados em todos os espaços comuns informando o fechamento das áreas de lazer e a obrigatoriedade do uso de máscaras que, de alguma forma, deu corporeidade ao que parecia imagens de um filme catástrofe.

Mas foi a escola, que em definitivo, tornou real o que estava acontecendo. A escola com seus tempos definidos, seus horários disciplinados, seu calendário que praticamente universaliza o ano letivo é o marcador principal da configuração do tempo na vida das crianças. Tudo acontece “antes da escola”, “depois da escola”, “se não tiver escola nesse dia”.

Bárcena e Mèlich (2000) destacam em seu livro a previsibilidade da escola. Seus rituais que preveem objetivos, a serem alcançados, a partir de um caminho definido (currículo), de modo que possa ser avaliado, tudo isto deixando muito pouco espaço ao imprevisto, à novidade. A crítica dos autores vai buscar no conceito de natalidade de Hannah Arendt uma inspiração para pensar outros caminhos para a educação.

O novo sempre acontece em oposição à esmagadora possibilidade das leis estatísticas e à sua probabilidade que, para todos os fins práticos e cotidianos, equivale à certeza; assim, o novo sempre aparece na forma de um milagre. O fato do homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável (ARENDR, 2010, p. 222)

Escolhi para a abertura deste texto um trecho de Walter Benjamin onde ele conta às crianças em seu programa de rádio sobre o terremoto de Lisboa. De um jeito encantador ele conclui com elas: a Terra está sempre tremendo. A ação humana, inaugural, novidadeira, inesperada – milagrosa até – ela é fruto da constatação inequívoca de que a Terra está sempre tremendo. Que a única certeza é a incerteza. Mas podemos, sim, viver longos períodos na ilusão da permanência. E não foi à toa que justo a escola recebeu tantas críticas, quando cerrou suas portas.

No condomínio a presença das crianças e adolescentes em casa, sem horário escolar, intensificou a comunicação digital entre elas, na forma de aplicativos de mensagens, jogos on-line, e o mergulho, já intenso, no mundo virtual ampliou-se.

Três crianças, aparentando terem entre quatro e seis anos – cada uma com seu tablet e, nos ouvidos, um imenso fone, que mais parecia um tampão para os dias de frio. [...] Em seguida, os adultos se levantaram, preparando-se para sair. As crianças, mimeticamente, os seguiram. Olhos nos tablets. Fones nos ouvidos. Sem cruzar olhares. Sem dizer palavras. Segredando serem parte de outros combos (RIBES, 2019, p. 59-60).

Outras iniciativas se fizeram sentir para anemizar o silenciamento do playground. Por duas vezes

aconteceram shows para o público infantil que pôde acompanhar das varandas de suas casas. As varandas, por sua vez ganharam lugar de parlatório. Era comum ver uma criança conversando com outra cada na varanda em frente a sua tendo o pátio entre elas.

Na medida em que cresciam os números de mortos e contaminados, mais e mais crescia o silêncio do play. Mesmo famílias negacionistas, que passaram todo o processo sem uso de máscara e propagando notícias falsas eram contidas pelas normas vigentes.

Alguns pré-adolescentes e adolescentes usaram a noitinha, quando o controle era menor, para descer ao play, mesmo que contrariando as normas. Quando não era o interfone, eram os gritos em direção às varandas que convocavam:

- Sarah, Sarah... desce aí...

- Não posso. Meu pai não deixa.

O silêncio do playground não é solene como o de uma igreja, nem sereno como um cemitério, nem profundo como uma floresta... O silêncio de um playground, a ausência das vozes, dos risos, dos choros, dos gritos é angustiante. Muitos poderiam identificar nos sons produzidos pelas crianças brincando uma forma de ruído. Mas, em verdade, há uma intrínseca harmonia nesses brincantes sons infantis. São uma espécie de música que confere alma ao espaço.

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima. A palavra paisagem é frequentemente utilizada em vez da expressão configuração territorial. Esta é o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão.[...] Nesse sentido a paisagem é transtemporal [...] o espaço é sempre presente (SANTOS, 2014, p. 103).

Também a rua perdeu parte de sua alma. Os transeuntes eram raros, as crianças não mais lá estavam. O pequeno comércio funcionava com entrega. Não houve quem não tenha perdido alguém ou conhecido alguém que perdeu alguém.

Nos tempos mais sombrios sempre se abre uma fissura com alguma luminosidade, e esta luz, as vezes faz toda estrutura ruir – quem sabe de onde virá essa brecha e esta fissura? Que desconhecido ainda virá? Este texto não tem fim, a pandemia não acabou, viver é absolutamente a maior resistência que temos contra todos que nos empurram para a morte. [...] O novo normal será o próprio tempo pandêmico, teremos que inventar novas formas de vida e de afetos, não sairemos disso tão cedo e sem sequelas. [...] Às vezes esqueço de tirar a máscara, quando chego em casa da rua, e vou perceber isso só quando estou sufocada. Daí noto que sufocada é o estado quase permanente em que me encontro, por isso tanto faz estar com ou sem a máscara. O sentimento é de viver como uma pessoa com máscara.” (ABRAMOWICZ, 2020, p. 23-24).

As medidas sanitárias passaram a fazer parte do dia a dia do condomínio. Álcool em gel disponibilizado nos elevadores, cartazes exigindo o uso de máscaras e a limpeza dos elevadores e corredores ganhou uma frequência muito grande.

Quando cruzava com as crianças pequenas no elevador ou corredores via que gostavam de exibir suas máscaras de personagens – como uma fantasia. Sempre faziam um comentário. Quanto ao tempo que conseguiam usá-las, já não sei dizer.

- Que linda sua máscara, Arthur!

- Eu não sou o Arthur. Eu sou o Batman.

- Ah, tá bom.

Adolescentes e pré-adolescentes, na sua maioria, faziam questão de não portar a máscara. Não sei se desafiando as normas do condomínio, desafiando a Covid19 ou simplesmente reproduzindo a conduta negacionista dos pais.

Mas a grande maioria dos moradores cumpriu normas sanitárias. Alguns de forma curiosa, por exemplo, deixando no capacho de entrada os sapatos de todos os moradores da casa.

Vários moradores pegaram Covid. Alguns faleceram.

Minha vizinha de dois anos estende as mãozinhas cheias de álcool gel e diante da sensação pegajosa do mesmo, reclama: “Tá xujo, mamãe, tá xujo...”

As notícias me deprimem. Não consigo ler todo dia. Mas acho pior não ler. Então leio jornais, recebo os boletins de instituições científicas, os amigos da saúde advertem sobre FakeNews. O que é o real quando a realidade parece uma distopia. Agora só uso mascaras de superproteção. Não consigo respirar.

O Brasil registrou neste domingo (21) 97 mortes por Covid-19 nas últimas 24 horas, com o total de óbitos chegando a 612.722 desde o início da pandemia. Com isso, a média móvel de mortes nos últimos 7 dias ficou em **201**. Em comparação à média de 14 dias atrás, a variação foi de -15% e aponta tendência de estabilidade. Os números estão no novo levantamento do consórcio de veículos de imprensa sobre a situação da pandemia de coronavírus no Brasil, consolidados às 20h deste domingo. O balanço é feito a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde. (G1.GLOBO.COM, 21/11/2021)

### **Retomada dos territórios de brincar**

O relaxamento progressivo das normas de segurança no condomínio acompanhou as medidas adotadas no município. O que começou restringindo a entrada de entregadores, o cerramento completo dos espaços coletivos foi, pouco a pouco, acompanhando as medidas oficiais. E, como nas mesmas, indo

e voltando de acordo com os decretos. Aos poucos já era possível usar a quadra (de máscara), ou a piscina (sem visitantes), a sala de jogos (sem aglomeração), a brinquedoteca (sob supervisão), a churrasqueira (com capacidade reduzida), o salão de festas de 300 lugares (só 30% da lotação).

Na rua, sem cartaz e sem norma escrita, o futebol já era de todos. Uma cerveja a mais outra a menos e vai pelo ralo o distanciamento social. Afinal, como é que se comemora um gol com distanciamento social??

Os mais persistentes resistem e são criticados pelo uso de máscaras.

O retorno vai se dando aos goles, mas os espaços estão marcados pela ausência. Negócios que faliram, pessoas que faleceram. Outros se mudaram, foram viver com os avós, ou tios em novos arranjos familiares que revelam o impacto econômico da pandemia sobre as famílias. O desemprego, o desalento.

Mudei eu ou mudaram os natais? Mudamos todos nós.

Especialmente as crianças mudaram. Dois anos é muito tempo na vida de uma criança. Os que tinham 6 agora tem 8 anos. Os que tinham 10 já são pré-adolescentes. Os que se sabiam crianças agora se dizem adolescentes e não andam mais com os pirralhos. Tudo isso aconteceu um pouco fora dos olhos uns dos outros. E o sentido de continuidade carece de atualização.

“Aqui” é onde as narrativas espaciais se encontram ou formam configurações, conjunturas de trajetórias que têm suas próprias temporalidades (portanto, “agora” é tão problemático quanto “aqui”). Mas onde as sucessões de encontros, as acumulações das tramas e encontros formam uma história. São os retornos (o meu, o dos pássaros) e a própria diferenciação de temporalidades que proporcionam continuidade. Mas os retornos são sempre para um lugar que se transformou, as camadas de nosso encontro interceptando e afetando um ao outro, a tessitura de espaço-tempo.” (MASSEY, 2008, p.201-202)

Houve um hiato e as crianças, já não tão crianças, carecem de memórias coletivas para entender como se transformaram e como irão reconfigurar esse lugar que era, para muitos, mais casa que a própria casa – porque guardava sentidos comuns de davam um rosto à essa infância e adolescência. O próprio sentido de coletivo não parece tão facilmente negociável.

Foram muitas horas diante de telas de jogos, de séries, mangás, aulas onde mostrar um ícone, um avatar era mais fácil que revelar o próprio rosto. As crianças conheceram um tipo incomum de solidão durante o isolamento. Relacionar-se parece que ficou mais difícil...

Os elementos desse “lugar” serão novamente dispersos em diferentes tempos e velocidades.[...] Isso é a eventualidade do lugar, em parte, no simples sentido de reunir o que previamente não estava relacionado, uma constelação de processos, em vez de uma coisa. Este é o lugar enquanto

aberto e enquanto internamente múltiplo, não capturável como um recorte através do tempo no sentido no sentido de um corte essencial. Não intrinsecamente coerente.” (MASSEY, 2008, p. 203)

Assisti a tudo isso do último andar. Circulando ao sair de máscara para comprar pão. Ao pegar o elevador e lembrar a recomendação da irmã epidemiologista da minha melhor amiga: Os elevadores são o pior lugar de contaminação. Conversei com as crianças do prédio e vi em seus rostos o reflexo, ainda sem compreensão, da imagem que viam no rosto dos adultos. Entrei e saí de hospitais acompanhando meu irmão em tratamentos. Vi no hall dos hospitais o desespero de famílias. Li os jornais, as notícias, acompanhei e confrontei verdades de mentiras junto aos meus amigos da saúde. Tive medo como tantos. Fui vacinar-me tão logo chegou vacina para minha idade. Chorei diante da tv com desconhecidos que se negavam a ser estatísticas. Perdi um amigo querido de muitos anos... Senti raiva do desgoverno, do desmando, da ganância. Bati panelas, fiz postagens indignadas nas redes sociais. Deixei de usar meu vestido dupla face preferido com imagens de Frida Kahlo de um lado e da Fiesta de Los Muertos de outro. Seria uma ironia de mau gosto. Ri da nossa condição, da falta de perspectiva e da depressão. A morte pertinho convidando a todos para dançar. Não fui. Fiquei sem ar. E, mesmo à distância, estendi minhas mãos e alcancei meus pares. Então fiz o que sei fazer: abri os olhos e observei. Olhei do último andar e inscrevi no meu corpo esse tempo e espaço. Guardei para mim o que me é caro: olhei para os espaços de brincar e seus sujeitos, na certeza de que o brincar na sua força mágica e infinita cria novos aqui e agora e reconfigura por cima dos escombros o novo.

No último andar é mais bonito:  
Do último andar se vê o mar.  
É lá que eu quero morar

O último andar é muito longe  
Custa-se muito a chegar  
Mas é lá que eu quero morar

Todo céu fica a noite inteira  
Sobre o último andar  
É lá que eu quero morar

Os passarinhos lá se escondem  
Para ninguém os maltratar:  
No último andar.

De lá se avista o mundo inteiro:  
Tudo parece perto, no ar.  
É lá que eu quero morar:

No último andar.  
(MEIRELES, 1980, p. 85)

Com a liberação por parte da prefeitura e do estado de todas as restrições, os espaços de lazer

do condomínio foram completamente abertos aos moradores e visitantes. Foram integralmente tomados. Adultos, adolescentes e crianças se aglomeraram na primeira oportunidade numa efusividade própria de quem viu o fim do mundo. Viram? Os salões de festa já tocaram sua música alta, os adolescentes se juntam na quadra para jogar bola ou repetir os passos do último funk.

As crianças correm pelo play. Em piques, pulando cordas... Os bebês e seus carrinhos voltaram a circular, bem como ensaia os seus primeiros passos aqueles que nasceram durante a pandemia. É vida normal. Novo normal? Novo eu? Novo mundo? Não sei...

Ainda leio notícias.

Fevereiro chega ao fim como pior mês de contágio por Covid no país. Brasil tem 649.443 óbitos e 28.786.072 casos registrados do novo coronavírus, segundo dados reunidos pelo consórcio de veículos de imprensa. Foram 3,3 milhões de casos conhecidos registrados nos 28 dias deste mês. Agora em queda, média móvel de casos completa uma semana abaixo da marca de 100 mil. O Brasil registrou nesta segunda-feira (28) 21.250 novos casos conhecidos de Covid-19 em 24 horas, chegando ao total de 28.786.072 diagnósticos confirmados desde o início da pandemia. Com isso, a média móvel de casos nos últimos 7 dias foi a 76.497 - completando uma semana abaixo da marca de 100 mil. Em comparação à média de 14 dias atrás, a variação foi de -40%, indicando tendência de queda nos casos da doença.

Fevereiro chega ao fim como o mês com o maior contágio de Covid registrado em toda a pandemia até aqui, mesmo com apenas 28 dias. Foram 3.331.967 casos conhecidos a mais neste mês, acima dos 3.168.732 anotados em janeiro, o segundo pior mês nesse aspecto até o momento (G1.GLOBO.COM, 28/02/202).

Ainda não fiz fantasia para esse carnaval que no Rio de Janeiro e em São Paulo vai cair na Páscoa. Parece uma ironia. Na Sexta-feira Santa sambar sobre o martírio de todos os que morreram no Gólgota deste país – de descaso, de falta de vacinas, de oxigênio, de recursos; no Sábado de Aleluia tomar consciência de que estivemos mortos, fazer a vigília sobre tudo o que perdemos, saber que descemos aos infernos e esperar o terceiro dia com purpurina para a ressurreição. Por fim, Domingar nessa Páscoa Carnavalesca atravessando o Sambódromo da Marquês de Sapucaí com esse enredo distópico e esperar a iluminação e ascensão aos céus do monumento de Niemeyer com as bênçãos de Darcy Ribeiro que dá nome oficial à passarela do samba, embora poucos saibam.

Nesta sexta-feira (11/3), data em que se completam dois anos que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia do novo coronavírus, o novo Boletim do Observatório Fiocruz Covid-19 chama atenção para a necessidade do avanço na vacinação e para o relaxamento prematuro das medidas protetivas diante do cenário atual. Segundo os pesquisadores do Observatório, responsáveis pelo Boletim, é necessário ter prudência na adoção de qualquer medida de flexibilização, tanto pelo possível impacto do Carnaval e o potencial aumento de casos e internação, como pela "vacinação que avançou bastante, mas precisa ir além". As variantes anteriores e mais recentemente a Ômicron deixaram como legado para a ciência e a saúde o aprendizado de que é fundamental um esquema vacinal completo, incluindo a terceira dose, quando for o caso, para a maior proteção da população. O Boletim destaca que, durante a onda

da Ômicron, os países que tinham maiores parcelas da população com dose de reforço apresentaram uma redução substancial das hospitalizações, mesmo com alta no número de casos de Covid-19. Além disso, estratégias de saúde pública que ampliem a cobertura e vacinação também são necessárias - tais como o passaporte de vacinas nos locais de trabalho e ambientes fechados, combinado com o uso de máscaras nos locais em que não há um controle do total de vacinados ou em situações que envolvem grande concentração de pessoas. (PORTAL.FIOCRUZ.BR, 11/03/2022)

## Considerações finais

Para agir com honestidade intelectual é preciso dizer que ainda estamos longe de tecer considerações finais sobre um processo que iniciado com a pandemia abriu em diferentes frentes do conhecimento questões que precisarão de muito tempo para serem respondidas. O que podemos fazer é tentar retomar as questões que nos propusemos no início deste ensaio.

A primeira sobre como seria a experiência das crianças sem a possibilidade de acessar a área do playground. A nossa percepção é o que o confinamento ampliou e deu novo sentido às atividades digitais. As crianças migraram para playgrounds virtuais. A interlocução com a rua tornou-se mínima. Só os adultos do condomínio interagem em situações pontuais como os jogos de futebol. A turma da pipa é da rua e não tem presença de moradores do condomínio. O silêncio do playground amplificou o sentimento de angústia que foi comum a todos e creio que trouxe maior ansiedade às crianças – mas essa é apenas uma observação. Seria necessário um estudo aprofundado para garantir essa afirmação.

Quanto ao retorno aos espaços comuns, meu sentimento é que ainda há descompasso entre a interação que existia e o modo de relação das crianças e os adolescentes entre si e com o espaço. Acho que estamos assistindo uma reconfiguração dos sentidos do espaço e das novas experiências de si trazidas pelo crescimento físico e vivências emocionais desse período. Com certeza, nada será como antes amanhã.

## Referências

ABRAMOWICZ, Anete. Espelho, plantas e pandemia. *In*: ABRAMOWICZ, Anete; PARK, Margareth Brandini (Orgs.). **Mulheres na pandemia**. São Carlos, SP: Pedro e João, 2020.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2010.

BÁRCENA, Fernando; MÈLICH, Joan-Carles. **La educación como acontecimiento ético**. Barcelona, ES: Paidós Ibérica, 2000.

BAUZER, Riva. **Crescer numa cidade grande**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

BENJAMIN, Walter. **A hora das crianças**: narrativas radiofônicas. Rio de Janeiro: NAU, 2015.

CORRÊA, Jacinto Fabio. **O futuro, em perspectiva**. Rio de Janeiro, 22 de out. de 2021 Facebook: Jacinto Fabio Corrêa. Disponível em: [https://www.facebook.com/story.php?story\\_fbid=1764039747140362&id=100006030602770](https://www.facebook.com/story.php?story_fbid=1764039747140362&id=100006030602770) . acesso em 17 de mar. De 2020.

G1.GLOBO.COM. **O segundo caso no Brasil, em São Paulo, foi confirmado**. Rio de Janeiro: 29 de fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/29/ultimas-noticias-de-coronavirus-de-29-de-fevereiro.ghtml> . Acesso em: 20 mar. 2022.

G1.GLOBO.COM. **Em uma semana, Brasil registra mais casos que o total da Espanha**. Rio de Janeiro: 28 de jun. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/28/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-28-de-junho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 20 mar. 2022.

G1.GLOBO.COM. **Brasil tem 30.484 mortes por Covid-19 em fevereiro, 2º maior número em toda a pandemia**. Rio de Janeiro: 01 de mar. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/01/brasil-tem-30484-mortes-por-covid-19-em-fevereiro-2o-maior-numero-em-toda-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 20 mar. 2022.

G1.GLOBO.COM. **O Brasil registrou neste domingo (21) 97 mortes por Covid-19 nas últimas 24 horas, com o total de óbitos chegando a 612.722 desde o início da pandemia**. Rio de Janeiro: 21 de nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/11/21/brasil-registra-97-mortes-por-covid-media-movel-volta-a-ficar-em-estabilidade.ghtml>. Acesso em: 20 mar. 2022.

G1.GLOBO.COM. **Fevereiro chega ao fim como pior mês de contágio por Covid no país. Brasil tem 649.443 óbitos e 28.786.072 casos registrados do novo coronavírus**. Rio de Janeiro: 28 de fev. de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/02/28/fevereiro-chega-ao-fim-como-pior-mes-de-contagio-por-covid-no-pais.ghtml>. Acesso em: 20 mar. 2022.

PORTAL.FIOCRUZ.BR. **Nesta sexta-feira (11/3), data em que se completam dois anos que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia do novo coronavírus, o novo Boletim do Observatório Fiocruz Covid-19 chama atenção para a necessidade do avanço na vacinação e para o relaxamento prematuro das medidas protetivas**. Rio de Janeiro: 11 de mar. 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/observatorio-covid-19-aponta-relaxamento-prematuro-de-medidas-protetivas>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MORICONI, Ítalo. **Torquato Neto: essencial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.



KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020.

RIBES, Rita. Combo. *In*: RIBES; VENAS (Org.). **Infância crônica**. Rio de Janeiro: NAU, 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EdUSP, 2014.